

# A comunicação visual e o significado da ostomia

Maria Nagela Cavalcante Bandeira  
Lorita Marlena Freitag Pagliuca

## RESUMO

Trata-se da utilização da linguagem visual na comunicação do ostomizado usando o referencial teórico de Dondis, foi escolhido três dos elementos básicos do alfabetismo visual: a forma, a cor e a textura. O estudo foi aplicado a um paciente no 4º dia de pós-operatório realizado em situação emergencial. As informações do cliente sobre o que significava ser ostomizado permitiram-nos identificar seu desconhecimento acerca da ostomia, motivando-nos a aplicar o estudo. Formas tradicionais de identificação de objetos foram utilizadas, proporcionando uma relação com sua imagem corporal, acreditando-se na possibilidade de mudança quando há efetiva comunicação visual, através de um processo de sistemas relacionais.

**Palavras-chave:** *Enfermagem, Ostomia, Imagem corporal, Comunicação não verbal*

## Introdução

Como forma simples de expressão e de relacionamento, a linguagem visual constitui um dos mais eficientes instrumentos de comunicação por seu uso direto na informação. Através dela, o homem busca conhecer o meio e com ele interagir, extraindo das imagens sua compreensão de mundo pelo estabelecimento de contato para entender a complexidade do que o cerca.

Segundo Dondis (1997), desde os mais antigos registros da história da humanidade, a experiência visual humana é essencial ao aprendizado para que se possa compreender o meio ambiente e reagir a ele, pois a visão é o órgão fundamental de comunicação e o principal sentido fisiológico utilizado no meio social para perceber o ambiente circundante. À sua falta, os outros sentidos do homem, como forma compensatória, tornam-se mais aguçados na tentativa de suprir sua função.

Uma das funções da visão é interpretar o que se vê, porquanto, fisiologicamente, a imagem visual

vai diretamente ao cérebro para ser compreendida e decodificada. Isso significa dizer que se vê com os olhos, mas interpreta-se através de um processo mental, pois na realidade o que vemos e como percebemos o mundo com os nossos sentidos é interpretado na nossa mente, constituindo uma imagem de diversos elementos sociais, físicos e psicológicos.

A visão é um instrumento de comunicação do homem com seu meio social seguindo linguagem própria e, embora enseje o contato e a troca de informações de pessoas que não falam a mesma língua, flui numa forma de comunicação não verbal, repleta de simbologia e significado.

Para Dondis (1997), os objetos impressionam não só pelo que revelam aos sentidos, mas também, pelo que provocam na mente ao desencadear imagens e idéias, enquanto as experiências podem ser medidas pelo referencial de imagens mentais criadas e pelo que se armazena do mundo. É também dessa opinião Facure (1999).

Para os leigos, ver um ostomizado provoca dó e desconforto, pela fuga ao esperado, que é a visão do comum, do normal, do rotineiro, do aceitável.

A capacidade de olhar reflete atitudes simbólicas na perspectiva de interpretar as imagens. O olhar não é individual, ele é determinado social e conjunturalmente num sistema de valores determinado pela sociedade.

Dondis (1997), ao descrever o alfabetismo visual universal, atribui significado à arte propiciando ao leitor entender a relação entre o que se vê e o que se percebe. Essa contextualização fortalece o sentido fundamental da mensagem visual, com base na inspiração não cerebral, existente, porém, numa rede de interpretação subjetiva. Indubitavelmente, essa rede isolada não daria o devido significado da expressão visual.

No aspecto morfológico, o hemisfério direito do cérebro tem a função visual-espacial, enquanto o hemisfério esquerdo compreende a função verbal, sem, no entanto, as funções serem exclusivas de um ou de outro hemisfério cerebral.

Para Facure (1999), na identificação de um objeto, é possível ocorrer uma impressão pela visão. Não se vendo o que o objeto é, e sim aquilo que se pensa que ele seja. O mundo exterior é visto no cérebro, mas, ao refletirmos, é imaginado na mente.

Na cultura ocidental, as convenções artísticas são mais livres, enquanto na cultura oriental o estilo é convencionalizado, governado por normas sólidas e princípios básicos que envolvem traços culturais de consenso.

Para algumas pessoas, portar uma colostomia ou ver alguém portando-a, é motivo de múltiplas interpretações oriundas da compreensão visual evidenciada pela aparência anormal de um ânus artificial com a mesma finalidade fisiológica.

A esse respeito, explica Zamboni (1998, p.56): "Um objeto observado pelo olho pode remeter a outras imagens formadas a partir do olhar, o qual não é limitação da percepção do objeto em suas

características físicas imediatas, o olhar é ir além, é captar estruturas, é interpretar o que foi observado".

Ostomizadas são pessoas que, por um procedimento cirúrgico, passam a ter uma abertura no corpo, o que genericamente é chamado de forame, óstio, orifício, estoma etc. Essa abertura pode situar-se em vários locais do corpo, mas neste estudo interessa-nos especificamente ostomia do aparelho digestivo localizada no íleo ou cólon, estando o estoma adaptado à parede abdominal por onde passam a ser eliminados os resíduos fecais.

A palavra colostomia deriva do latim *colum*, em português cólon ou colo, "parte do intestino grosso," e *stomoum*, do grego boca em português, e que significa a "criação de uma abertura ou boca."

A colostomia é, pois, a ligação do cólon à parede abdominal, para criar um ânus artificial.

Pessoas que portam um ânus artificial têm comprometida a imagem corporal. Para Santos e Koizumi (1992), esse comprometimento está ligado à lesão da própria soma e perda de habilidade no controle das eliminações, ocasionando sentimento de inferioridade, desvalorização do autoconceito, rejeição, insegurança, entre outros sentimentos.

Bandeira (1997) afirma que o ânus artificial incontinente na parede abdominal compromete a auto-imagem, e que essa perda de capacidade de controlar as eliminações digestivas ocasiona a falta de aceitação da auto-imagem numa cultura onde o belo é o que é cultuado. Além disso, sinais do corpo tidos como estigmatizantes definem atributos sociais, sendo o corpo um denunciante dessa condição.

O trabalho desenvolvido objetiva aplicar os elementos da comunicação visual com o cliente e sua ostomia. Deve-se considerar que recomendá-lo olhar seu estoma, complementando com o toque, como forma de uma aproximação maior, não é fato inédito, porquanto alguns estomaterapeutas recomendam essa prática. O que defendemos neste estudo é o uso desse artifício utilizando-se os princípios conceituais de Dondis.

Portar um estoma significa para algumas pessoas estar doente, e isso pode constituir motivo de pena e compaixão pois quem olha essa imagem supõe que o orifício é doloroso para quem o porta.

No entanto, a reação da pessoa diante dessa imagem de inaceitável aparência vai depender de cada um e da maneira interior como cada um se olha, através da linguagem oral e visual que aprendemos da nossa própria cultura. Olhar para si faz com que se veja a realidade existente no corpo.

Dondis (1997, p.104-105) a essas questões refere:

*O símbolo pode ser qualquer coisa, de uma imagem simplificada a um sistema extremamente complexo de significados atribuídos, a exemplo da linguagem ou dos números. Em todas as suas formulações, pode reforçar, de muitas maneiras, a mensagem e o significado na comunicação visual.*

A mensagem deixada ao nos deparar com a imagem do ostoma na parede abdominal ou em outra parte do corpo é muito forte e repleta de significado. Conforme Dondis (1997), o contraste é um instrumento essencial da estratégia de controle dos efeitos visuais, e, conseqüentemente, da significação desse efeito.

Na teoria cartesiana, só é verdadeiro aquilo que é evidente, claro e distinto. Transportamos os conceitos dessa teoria para a interpretação visual da ostomia, acreditando que a visão influi de forma bastante significativa na natureza do pensamento.

## Fundamentação teórico-metodológica

O estudo guarda a base de referência teórica no conteúdo do alfabetismo e da expressão visual de Dondis (1997), tendo-se aplicado os elementos da forma, cor e textura da linguagem visual.

O cliente da pesquisa era um recém-ostomizado de uma operação de caráter emergencial, quando não houve tempo suficiente ao preparo psicológico para a cirurgia, na perspectiva de desenvolver um trabalho

favorável à manutenção da sua integridade física e mental, e do seu bem-estar social.

Para Dondis (1997) os aspectos visuais constituem o ponto, a linha, a forma, a direção, o tom, a cor, a textura, a dimensão, a escala e o movimento. Optamos por trabalhar com os elementos visuais da forma, cor e textura por considerá-los básicos para o ostomizado poder interpretar o que vê, pela compreensão da sua ostomia, o que, supomos, facilitará sua interação pelo efeito da percepção humana.

Com vistas a melhor compreender a estrutura da linguagem visual nos seus elementos forma, cor e textura, descreveremos a seguir as qualidades específicas dessa linguagem, descritas por Dondis.

### Forma

A linha descreve a complexidade da forma. Há três formas básicas: o quadrado, o círculo e o triângulo equilátero. Cada forma possui características específicas e uma variedade de significados. Ao quadrado se associam enfado, honestidade, retidão, esmero; ao triângulo, ação, conflito, tensão; ao círculo, infinitude, calidez, proteção.

Todas as formas básicas são figuras planas e simples. O quadrado é uma figura de quatro lados, com ângulos retos rigorosamente iguais, nos cantos e lados, que têm exatamente o mesmo comprimento. O círculo é uma figura continuamente curva, cujo contorno é, em todos os pontos, equidistante do seu ponto central. O triângulo equilátero é uma figura de três lados, cujos ângulos e lados são todos iguais. A partir de combinações e variações infinitas dessas três formas básicas, derivam-se todas as formas físicas da natureza e da imaginação humana.

### Cor

A cor relaciona-se mais diretamente com as emoções, pois está impregnada de informações e é uma das mais penetrantes experiências visuais, constituindo fonte de inestimável valor para a

comunicação visual. Ademais, tem significados simbólicos.

Ao vermelho, associamos a raiva, significando perigo, amor, calor e vida, fornecendo um vocabulário de utilidade para o alfabetismo visual. São três as cores primárias: amarelo, vermelho e azul. O amarelo é a cor que se considera mais próxima da luz e do calor; o vermelho é mais ativo e emocional e o azul é passivo e suave. O amarelo e o vermelho tendem a expandir-se, e o azul, a contrair-se. A presença ou ausência de cor não afeta o tom, que é constante. A cor e o tom coexistem na percepção, sem se modificarem entre si.

A cor não apenas tem um significado universalmente compartilhado, através da experiência, como também um valor informativo específico, que se dá através dos significados simbólicos a ela vinculados.

## Textura

A textura é o elemento visual que, com frequência, serve de substituto para as qualidades do tato. Podemos reconhecer a textura mediante o tato e a visão ou uma combinação de ambos. A maior parte da nossa experiência com a textura é óptica, não tátil.

Em todos os estímulos visuais, o significado da linguagem visual está nos dados apresentados, nas informações e nos símbolos, mas, também, existe uma expressão fatural e visual influenciada por partes que constituem o objeto visualizado, como a cor, a textura, a dimensão e a proporção, formando uma relação que compõe o significado.

## Apresentando o estudo de caso

Para o caso estudado, aplicamos os três elementos da linguagem visual após selecionarmos uma pessoa ostomizada em um hospital de urgência de referência na cidade de Fortaleza-Ceará-Brasil. Com uma ostomia recente, no 4º dia de pós-

operatório, tendo adentrado na emergência no dia 12 de maio de 2000, com diagnóstico pré-operatório de ferida penetrante de abdome por arma de fogo com exposição do epiplo – prega de tecido adiposo que vai do estômago aos órgãos subjacentes, foi submetida a laparotomia com nefrectomia esquerda, enterotomia segmentar, colectomia segmentar e colostomia.

O paciente tinha 36 anos de idade, casado, desempregado e foi cobrador de ônibus. Deu-nos informações pessoais por ocasião do segundo contato, uma vez que, no seu prontuário, nada constava a seu respeito, a não ser seu nome e registro no hospital. Supomos que a falta de dados decorreu da situação emergente em que entrou no centro cirúrgico.

O contato processou-se após identificação do cliente no prontuário, seguindo-se a apresentação da pesquisadora, informando-o da intenção do estudo e obtendo o consentimento da sua participação, atendendo as recomendações da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Este trabalho faz parte dos estudos da Tese da primeira autora e foi aprovado pelo Comitê de Ética do Hospital Universitário Walter Cantídio/UFC. O paciente assinou termo de consentimento após ser instruído sobre os objetivos do estudo, sendo-lhe garantido sigilo e direito de exclusão se assim desejasse.

No segundo contato no mesmo dia, ele estava recebendo visita dos seus familiares (pai, esposa e cunhada). Esclarecemos sobre a colostomia, informamos-lhe (permanecemos com ele durante a visita e após saírem seus parentes) da existência e local do Clube dos Colostomizados e perguntamos como se sentia ao olhar para a ostomia, no que diz respeito à sua forma, cor e textura.

Na ocasião, possibilitamos-lhe relatar seus sentimentos e emoções, pela interpretação que ele dava à sua imagem de ostomizado, aplicando a linguagem visual – olhar o estoma é uma forma de se comunicar –, oportunidade em que tiramos suas dúvidas referentes a ostomia, definindo cor, tamanho e forma, pois foram esses os elementos visuais

escolhidos no estudo, com vistas à compreensão pela percepção visual.

Compreender o que significa a ostomia no seu corpo foi uma preocupação nossa, e iniciamos o estudo num contato de percepção, fazendo com que ele tocasse o seu estoma. Na imagem do corpo estão descritas formas conceituais que são experienciadas pelo próprio indivíduo.

Leloup (1999) afirma que a relação com o corpo é um equilíbrio a reencontrar. No corpo, está a memória de existência e tocar nele significa tocar uma pessoa com toda sua história. Ele reporta-se a um tipo de consciência anal, que surge quando a criança perde a identidade do corpo da mãe e descobre o próprio corpo. Esse é um período difícil da existência do homem. A idolatria ou o desprezo pelo corpo nessa fase na existência está condicionada à aprendizagem da limpeza. E a limpeza no ostomizado é bastante significativa e importante para o seu bem-estar, garantindo-lhe uma convivência saudável junto aos outros.

A psicanálise explica que o corpo é o espelho da mente e a mente é o eixo principal de corporalidade, mesmo num corpo fraco e doente.

Para sua melhor compreensão da forma, cor e textura, mostramos ao paciente a diferença desses elementos pela aplicação tátil de um objeto mole, exemplificando o tecido da sua roupa e o material de uma caneta, que é lisa e dura. Sua colostomia apresentava as seguintes características: era pequena, redonda, vermelha, lisa, brilhante e mole. Pedimos a seguir que ele expressasse seu sentimento.

Segue-se sua descrição:

“O que eu entendo disso aqui é o que já me explicaram, puxaram o ânus para sair para fora. Senti uma gastura medonha, nunca esperava isso. O que incomoda é a bolsa, o que nunca tinha visto, e a dor no começo, e sujando direto, incomoda muito. Tudo incomoda e impressiona, vivo mais doente é de ver isso. Queria mesmo era ir para casa ver meus filhos. Estou doido para sair, porque não tem como conversar

com a mulher. Preciso conversar com a família, os filhos. A alimentação, falto morrer de fome. Se comesse e me sentisse mal não insistiria. Não me sinto mais doente. Amo Deus no céu e meus filhos na terra. Isso aqui vai afetar a procurar trabalho. Me conformo. Não fiquei louco ainda. Eu não sou criança. Não enlouqueci ainda porque penso que tem pessoa pior do que eu no mundo, no estado de saúde.”

Quando o cliente tocou sua ostomia expressou um sentimento de receio por tocar uma película de mucosa fina, supondo talvez que o toque lhe causaria dor ou sangramento. A cor o impressionou atribuindo-se ao fato de ser muito rosada e tão diferente da cor da sua pele, embora nada tenha mencionado a esse respeito. Quanto à textura, sua aproximação mais de uma vez com a popa digital parecia estar querendo identificar sua consistência por não acreditar que fosse mole. Essa aproximação com a ostomia aconteceu pelo contato estabelecido, familiarizando-o com a imagem formada.

## Interpretando a comunicação visual do cliente com sua ostomia

A pessoa junto à qual aplicamos o estudo era comunicativa e, embora não falasse muito sobre a colostomia, não sabendo ao certo o significado a ela atribuído, angustiava-lhe ver a bolsa com resíduos fecais.

Poucas informações são suficientes para permitir identificar os objetos ou as pessoas em todas as suas dimensões. Nesse sentido, acredita-se nas possibilidades de mudança, quando há comunicação visual, tendo-se como pressuposto teórico a forma como o ostomizado faz a comunicação.

A relação do ostomizado com a linguagem visual processa-se através da ligação com a imagem que ele tem de si próprio, pela repercussão e sentido que ele atribui à auto-imagem. Nessa interação, registra-se também um efeito da cultura sobre a percepção.

A vontade de ver os filhos foi muito forte, denunciando afetividade pela família, que, no momento, era sua maior preocupação. Ao contato, observamos que ele se aborreceu com a enfermeira por ter terminado o horário de visita, pois queria ficar mais tempo com a esposa. Observamos seu carinho pela esposa, mas pouca compreensão dela para com ele.

Na ocasião da aplicação do método, percebemos com muita evidência que sua maior preocupação era sua fragilizada relação com a esposa, fato comprovado ao o encontrarmos posteriormente por duas vezes no Clube dos Colostomizados, momento que nos informou de sua separação conjugal e que passada a crise do relacionamento estava aceitando sua nova condição. Esclareceu-nos ainda que nossa visita foi um meio de aproximação e compreensão da ostomia, tendo se atribuído à comunicação realizada.

A experiência com este estudo nos reforçou a compreensão da importância da escolha do momento adequado para a aproximação ao cliente.

No dia-a-dia do ostomizado, surgem mudanças de valores em decorrência da transformação da sua função orgânica e da sua nova condição, o que possibilitará tornar-se ele uma pessoa a quem se dispensa cuidados especiais, com oportunidade de viver a vida de forma similar às outras pessoas, garantindo desse modo sua existência no mundo de forma saudável.

O hospital ainda lhe era hostil e o desejo de alta hospitalar estava relacionado à preocupação com a ausência da família. Essa era sua maior preocupação no momento, embora a ostomia o tivesse afetado muito. Como ocorre com processos relacionados com os sistemas culturais de mudança ambiental. Conquanto as influências causais não sejam iguais, o homem se adequa ao modo de vida primordialmente através da sua cultura, e acostuma-se a ela, favorecendo a saúde e melhorando a qualidade de vida.

Para Malinowski (1975), os seres humanos vivem de acordo com normas, costumes, tradições e regras, resultantes de uma interação de processos

orgânicos e recomposição, pelo homem, do seu ambiente.

O homem transforma o ambiente para bem viver e se acostuma a ele, como também às imposições que lhe reserva a vida. E o ostomizado utiliza esse artifício ao controlar o ambiente, fazendo uma interação das formas de vida em seu ecossistema pessoal e, por intermédio da cultura, manipula e refaz o próprio ecossistema. A representação visual é parte integrante dessa transformação num processo participativo para aceitar sua nova condição.

Sua fala pouco refere o queríamos saber, mas respeitamos seu momento sem profundas investigações. Ele nos fez entender que não foi orientado quanto a ostomia muito menos que deveria olhá-la e poderia tocá-la.

Quando diz que ver a ostomia é que o faz adoecer, assim se expressando "vivo mais doente é de ver isso", justifica a aplicação do método da linguagem visual para facilitar aceitá-la através do olhar e do toque comprovando que o significado a ela atribuído está na comunicação.

O ato de ver é um processo de julgamento. Julgamos a partir do momento em que vemos e percebemos as coisas ao nosso redor, mas também é cultural a forma de ver e interpretar o que se está vendo. Basta lembrar as várias interpretações que se faz das imagens projetadas.

A partir de Descartes, deu-se a divisão do conhecimento humano, principalmente nos aspectos explicativos, influenciando o modo de pensar ocidental, provocando uma ruptura com a maneira anterior de conceber o mundo (ZAMBONI, 1998; RAJAGOPALAN, 1996). René Descartes (1596-1650), matemático e filósofo epistemológico francês, trouxe contribuições filosóficas revolucionárias, consagrando a dicotomia mente/corpo, libertando a ciência da interferência eclesiástica. Ele separa definitivamente o corpo da alma. Está em sua concepção a idéia de que a única coisa sobre a qual jamais pode pairar qualquer dúvida é a própria mente, mesmo daquela que duvida de tudo.

*Do ponto de vista filosófico a interpretação é a arte de compreender, sendo preciso ver para compreender e compreender para crer (BARRETO e MOREIRA, 1999). Nesse sentido, tem-se reforçada a idéia de que a comunicação visual é um recurso utilizado para que haja efetiva compreensão do ambiente circundante. Historicamente, a essência do ser humano está decifrada na estética que se vale de termos como "beleza", presente na arte visual, pois vai funcionar como uma relação entre forma e conteúdo. O estético nessa acepção está restrito ao âmbito da avaliação subjetiva.*

No sistema de conhecimento e percepção do corpo, registra Victora (1995) que, quando a pessoa se olha no espelho, decodifica a sua imagem e os significados partidos de suas experiências sociais – estou feia, bonita, gorda, magra, suja, cansada etc. Essa é uma linguagem relacionada à forma de conhecimento e de percepção do corpo.

Na configuração da auto-imagem do homem, é dada a ele a interpretação do seu visual. Se ele se sente feio, ele se vê feio, denunciando a própria aceitação. Essa sensação de causar má aparência pelo visual é motivo de descontentamento para o ostomizado, por destruir as possibilidades da anatomia natural.

De várias maneiras, o ostomizado interpreta sua imagem refletida no espelho. Ao se observar, ele pode apresentar sensação de rejeição, surgindo nele um sentimento de perda de auto-estima, fazendo-o sentir-se inclusive incapacitado.

Dondis (1997) e Facure (1999) dizem que o modo como encaramos o mundo quase sempre afeta aquilo que vemos. O processo é muito individual para cada um de nós. Várias interpretações são dadas de formas diferentes, consoante o sentimento de quem observa. Embora seja observado o mesmo objeto, pela mesma pessoa ou num mesmo cenário, despertamos lembranças e vivências, formando um julgamento sobre esse objeto. Essa interpretação é na verdade julgamento que o cérebro constrói com representações mentais e idéias.

Segundo Achutti (1995), o olhar de determinada época determina os tipos de imagens e a forma da relação das pessoas com elas. Reafirmando essa idéia, Facure (1999) lembra que "para que uma imagem alcance eficácia simbólica, não basta ser apenas vista, precisa ser interpretada por quem compartilha dos códigos simbólicos apresentados pela imagem. Cada objeto, cada sensação, cada palavra são carregadas de um potencial simbólico que desencadeia em nós a capacidade de criar imagens vivas da realidade."

Leão (1990), ao retratar fatores da síndrome pós-colostomia, destaca a distorção súbita da imagem corporal, citando o livro das enfermeiras estomaterapeutas Broadwell & Jackson, quando definem que a imagem corporal é um "retrato do nosso corpo (...), tal qual nos parece à nossa mente."

Formas tradicionais de sociabilidade pelo convívio com pessoas com suas mesmas características vão favorecer a compreensão da ostomia. Para isso, intervimos, recomendando a ele associar-se ao Clube dos Colostomizados, acreditando também na favorabilidade da comunicação visual com a ostomia, que deve ser iniciada nos primeiros dias de operado.

Pensando na relação que a pessoa ostomizada faz da própria imagem com a interpretação que ela dá a essa imagem, supomos que esse visual repercute no seu comportamento e que mudanças podem ir acontecendo a partir do momento em que ela se comunique com a ostomia.

Os ostomizados precisam acreditar que a vida saudável, mesmo com um ânus adaptado em local não convencional, é preferível à doença e à morte. Nesse aspecto, Dondis (1997), corroborando a importância da visão, esclarece que a vida parece exibir uma riqueza de experiências sensoriais, especialmente através da visão, isto é, vemos menos do que precisamos ver, ou, ainda, vemos, mas muitas vezes não enxergamos porque não fazemos efetiva comunicação visual.

## Abstract

### Visual communication and the meaning of ostomy

It focuses on the use of visual language in the process of communication between the ostomate and his ostomy, applying Dondis' theoretical reference. Three basic elements of the visual alphabetism have been chosen: shape, colour and texture. The study has been carried out on a patient in the 4<sup>th</sup> day of his postoperative period, after a emergency surgery. The patient's information about what meant to have an ostomy allowed to identify his lack of knowledge of the subject, motivating the authors to apply the study. Traditional forms of identifying the objects were used, establishing a relation to his body image. A possibility of change exists when there is an effective visual communication through a process of relation systems.

**Keywords:** *Nursing, Ostomy, Body image, Non-verbal communication*

## Resumen

### La comunicación visual y el significado de la ostomía

Se trata de la utilización del lenguaje visual en la comunicación del ostomizado con su ostomía, aplicando la referencia teórica de Dondis, habiéndose escogido tres de los elementos básicos del alfabetismo visual: la forma, el color y la textura. El estudio fue aplicado a un paciente en el cuarto día post-operatorio colostomizado en situación emergencial. Las informaciones del cliente sobre lo que significaba ser ostomizado nos permitiran identificar su desconocimiento de la ostomía, motivándonos a aplicar el estudio. Formas tradicionales de identificación de objetos fueron utilizadas, proporcionando una relación con su imagen corporal, apostando en la posibilidad de cambio cuando hay efectiva comunicación visual, a través de un proceso de sistemas de relación.

**Palabras clave:** *Enfermería, Ostomía – Imagen Corporal – Comunicación no Verbal*

## Referências bibliográficas

ACHUTTI, L.E.R. Imagem e fotografia: aprendendo a olhar. In: LEAL, Ondina Fachel (Org.) **Corpo e significado: ensaios de antropologia social.** Porto Alegre: UFRGS, 1995. p. 431-442.

ANDEIRA, M.N.C. **O ostomizado e as circunstâncias de adaptação de sua vida no domicílio.** 1997. 73 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Resolução CNS nº 196 de 10 de outubro de 1996.** Dispõe sobre as diretrizes de pesquisa que envolvem seres humanos.

BARRETO, J. A.E.; MOREIRA, R.V.O. **O elefante e os cegos.** Fortaleza: Casa de José de Alencar, 1999. 143p.

DONDIS, A.D. **Sintaxe da linguagem visual.** 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FACURE, N.O. **Muito além dos neurônios.** 2.ed. São Paulo: Parma, 1999. 121p.

- LEÃO, P.H.S. **Síndrome pós-colostomia**, Fortaleza: UFC, 1990, 93 p.
- LELOUP, Jean-Yves. **O corpo e seus símbolos**. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 1999. 133 p.
- MALINOWSKI, B. **Uma teoria científica da cultura**. 3. ed. Tradução de José Auto. Rio de Janeiro: Zahar, 1975, p.70.
- RAJAGOPALAN, K. Corpo e sentido numa perspectiva desconstrutivista. In: LEAL, Ondina Fachel (Org) **Corpo e sentido: ensaios de Antropologia Social** São Paulo: UNESP, 1996. p. 7 9-84.
- SANTOS, V.L.C.G., KOIZUMI, M.S. Sentimentos e sugestões manifestados peloscolostomizados que se auto-irrigam. **Rev. Esc. Enf. USP**. São Paulo, v.26, n.2, p.161-172, ago. 1992.
- VICTORA, C.G. As imagens do corpo: representações do aparelho reprodutor feminino e reapropriações dos modelos médicos. In: LEAL, Ondina Fachel (Org.) **Corpo e significado: ensaios de Antropologia Social**. Porto Alegre: UFRGS, p. 77-87.1995.
- ZAMBONI, S. **A pesquisa em arte: um paralelo entre a arte e a ciência**. Campinas: Autores Associados, 1998, p.56.

## Sobre os autores

### Maria Nagela Cavalcante Bandeira

Enfermeira, Professora Titular do Curso de Enfermagem da Universidade de Fortaleza, Mestre em Enfermagem, Doutoranda em Enfermagem pela Universidade Federal do Ceará, Enfermeira do Hospital Distrital Edmilson Barros de Oliveira.

### Lorita Marlina Freitag Pagliuca

Enfermeira, Professora Titular de Enfermagem Fundamental do Departamento de Enfermagem da UFC, Coordenadora do Projeto Saúde Ocular, financiado pelo CNPq.

## Notas

Estudo associado ao Projeto de Tese.Financiamento CNPq.

<sup>1</sup>Trabalho realizado na disciplina Estudo Independente no Curso de Doutorado em Enfermagem da Universidade Federal do Ceará.